

# humanitas

Vol. XLV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. XLV • MCMXCIII

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA

DOS DOUTORES WALTER DE MEDEIROS E MANUEL PULQUÉRIO



J. A. SEGURADO E CAMPOS  
*Universidade de Lisboa*

## O ESTILO CORRENTE DE CAMÕES (*LUS.*, I, 4)

É bem conhecido o passo em que Camões, na invocação dos *Lusíadas*, pede às Tágides que lhe concedam um novo estilo, diferente do *verso humilde* com que até então o Poeta celebrara o rio Tejo, um estilo adequado ao nível sublime, grandioso, do género épico. São estes os versos:

*E vós, Tágides minhas, pois criado  
tendes em mi um novo engenho ardente,  
[...]  
dai-me agora um som alto e sublimado,  
um estilo grandiloco e corrente ...  
[...]  
Dai-me ãa fúria grande e sonora  
[...]  
... de tuba canora e belicosa,  
que o peito acende e a cor ao gesto muda.*

*Lus.*, I, 4-5

Nestes versos define Camões o que entende por um estilo adequado à épica: este género poético pressupõe *um novo engenho ardente*, isto é, um «entusiasmo» poético, *ũa fúria* cheia de vigor e sublimidade nos antípodas de outros géneros poéticos praticados pelo Poeta, implica um nível estilístico «sublime», como Camões bem acentua: *um som alto e sublimado* à altura da matéria que vai cantar, *se tão sublime preço cabe em verso*. Notemos de forma sintética a abundância e peso dos vocábulos que remetem o leitor para o campo semântico do «estilo sublime»:

*engenho ardente  
som alto e sublimado  
estilo grandiloco  
fúria grande e sonora  
tuba canora e belicosa.*

Só um estilo situado a este nível pode de facto obter o efeito que o Poeta pretende para o seu canto épico: «acender o peito e mudar a cor ao gesto».

Neste conjunto de vocábulos destoa, por contrastante à primeira vista, o adjectivo *corrente*:

*um estilo grandiloco e corrente.*

por remeter para uma ideia situada num plano distinto, segundo a interpretação habitual do passo; isto é, *corrente* significaria o mesmo que *fluente*, como nota por exemplo E. Paulo Ramos, *ad loc.*: «canto elevado e sem rodeios, fluente»<sup>1</sup>. A mesma ideia de «fluência» está presente nas notas ao passo em outros comentadores, como H. Cidade ou Costa Pimpão. No entanto é fácil de observar que, enquanto as outras expressões usadas pelo Poeta para caracterizar o seu estilo se situam de facto ao nível da definição do estilo épico — *ardente*, *sublimado*, *grandiloco*, etc. — a qualidade da «fluência» nada tem em si de especificamente épico, antes é um qualificativo que de forma geral se poderia aplicar a toda e qualquer produção poética; por outras palavras, enquanto ao estilo das redondilhas, sonetos, éclogas, etc., se não poderia com justiça aplicar um adjectivo como *grandiloco*, já qualquer destes géneros poderia sem erro dizer-se possuir um *estilo corrente*.

Que há efectivamente um contraste entre o valor semântico de *corrente* (como habitualmente entendido) e os outros qualificativos que Camões aplica ao seu estilo épico, mostra-o a adversativa usada por alguns comentadores ao referirem o passo. Assim, por exemplo, na edição de Cláudio Basto pode ler-se «*corrente*. Grandiloco, MAS «*corrente*», «não retorcido»; Costa Pimpão, por seu lado, diz: «Um estilo *grandiloco e corrente*: um estilo elevado, MAS *fluente*»; e Hernâni Cidade

<sup>1</sup> Para não sobrecarregar de referências esta pequena nota limitámo-nos a referir as edições mais correntes do poema (Cláudio Basto, José Maria Rodrigues, Emanuel Paulo Ramos, Hernâni Cidade, Costa Pimpão) e uma única tradução, a inglesa de W. C. Atkinson para os Penguin Classics. Outras edições e traduções consultadas deram o mesmo resultado: os comentadores e tradutores, ou equiparam *corrente* a *fluente*, ou se limitam a parafrasear os versos de Camões, chamando a atenção para as qualidades genéricas do estilo épico. Num verbete manuscrito em que transcreveu o verso 1, 4, 6, o Professor Rebelo Gonçalves anotou: «*e corrente?*», o que mostra ter-se dado conta do problema suscitado pela presença deste adjectivo, mas não chegou a fazer qualquer observação ao mesmo. (Agradeço esta informação à minha Colega Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Isabel Rebelo Gonçalves, que me proporcionou a consulta do verbete.)

glosa: «um *estilo grandiloco*, SEM DEIXAR DE SER corrente». Também J. M. Rodrigues aponta no mesmo sentido: «(Camões) pede (às Tágides) um «estilo corrente», isto é, FLUENTE, não retorcido». A mesma ideia, isto é, que de alguma forma *corrente* contrasta com as outras expressões do Poeta, se extrai da tradução inglesa de William C. Atkinson: «a style AT ONCE grandiloquent and flowing.»<sup>2</sup>

Numa palavra, enquanto todas as outras expressões de Camões caracterizam pela positiva o que ele entende ser próprio do estilo épico, o adjectivo corrente introduz no contexto uma *limitação* que se nos afigura descabida: o estilo épico deve ter as qualidades *x, y, z*, (que são dele específicas) *mas ao mesmo tempo* deve possuir outra qualidade — a de ser *corrente* — que já não é própria dele, antes poderá estar presente em qualquer obra poética.

A verdade é que a formulação de Camões não aponta para semelhante contraste. O Poeta escreveu:

*estilo grandiloco E corrente.*

com a copulativa *e*, não com a adversativa *mas*, o que pressupõe que os dois adjectivos — *grandiloco* e *corrente* — devem ser entendidos dentro do mesmo campo semântico, e não em campos semânticos distintos. Por outras palavras, entendemos que quando o Poeta qualifica o seu estilo épico de *corrente*, este adjectivo (tal como os outros) há-de entender-se como uma característica específica do mesmo nível estilístico, ou seja, entre *grandiloco* e *corrente* não deve entender-se a presença de uma adversativa. Clarificando ainda mais: *corrente* deverá interpretar-se, tal como *sublimado*, *grandiloco*, *alto*, etc., como contribuindo também com a sua quota parte para a definição do estilo épico, o que não sucede com *fluente*, que, como vimos, é a equivalência que a generalidade dos comentadores lhe dá.

Resta saber se é possível entender *corrente* num sentido que o torne apto a figurar no contexto sem discrepância. Ora sucede que *corrente*, ou melhor, o particípio latino *currens* donde deriva a forma portuguesa, ou outros termos de conteúdo semântico similar, ocorrem em latim em contextos em que a sua função é precisamente a de ajudar a clarificar as qualidades próprias do estilo elevado.

Um primeiro exemplo é um passo do *Satiricon* de Petrónio. Como é sabido, Petrónio inseriu na novela um pequeno poema épico sobre o tema da «guerra civil» entre Cesarianos e Pompeianos, que iria culmi-

<sup>2</sup> Nestas citações as maiúsculas são, obviamente, de nossa responsabilidade.

nar na célebre batalha de Farsália <sup>3</sup>. O poema, porém, é precedido de um pequeno capítulo teórico em que a personagem Eumolpo passa em revista algumas das qualidades que um bom poema épico deve possuir, quer a nível temático, quer a nível estrutural. E ao referir-se ao problema do estilo Petrónio escreve:

*per [...] fabulosum sententiarum tormentum praecipitandus est liber spiritus, ut potius furentis animi uaticinatio appareat quam religiosae orationis sub testibus fides* <sup>4</sup>.

Ora o que quer significar Petrónio quando diz que o estilo épico deve *precipitar-se* (*praecipitandus est*) à maneira de uma profecia (*uaticinatio*) de um espírito possuído pela divindade (*furentis animi*)? Não será o mesmo que Camões apelida de estilo *corrente*, isto é, de um estilo *impetuoso*, *imparável*, numa palavra *heróico*, em perfeito paralelo com os temas celebrados?

Um outro poeta latino, Horácio, ao referir-se à arte inimitável das odes de Píndaro (as quais, sem serem poemas épicos, da epopeia estão próximas, quer pelo tema, quer pela sublimidade do estilo), compara o poeta tebano a *uma torrente impetuosa* que nada pode suste-

*monte decurrens uelut amnis, imbres  
quem super notas aluere ripas,  
feruet immensusque ruit profundo  
Pindarus ore* <sup>5</sup>.

Enfim, Plínio-o-Moço (embora a propósito da oratória) igualmente define o nível do estilo elevado com imagens tiradas do campo semântico de «correr»:

[O estilo] *debet enim erigi, attolli [...] saepe accedere ad praeceps; nam plerumque altis et excelsis abiacent abrupta: tutius per plana sed humilius et depressius iter. Frequentior currentibus, quam reptantibus lapsus, sed his non labentibus nulla laus, illis non nulla etiam si labantur* <sup>6</sup>.

Parafraseando Plínio: o estilo deve ser elevado, sublime (*erigi, attolli* = um som alto e sublimado), por vezes assemelhar-se a alguém que corre por um despenhadeiro abaixo (*ad praeceps*); é claro que

<sup>3</sup> *Satiricon*, CXIX-CXXIV.

<sup>4</sup> *Satiricon*, CXVIII, 6.

<sup>5</sup> *Carm.*, IV, 2, 5-8. — Notem-se os vocábulos sublinhados, ambos pertencentes ao campo semântico de «correr», «precipitar-se».

<sup>6</sup> *Epist.*, IX, 26,2.

caminhar pelas alturas (*altis et excelsis*) se pode revelar perigoso, por isso é mais fácil caminhar por uma planície (*tutius per plana*); mas, por carecer de perigos, a travessia não se reveste de nenhum mérito especial (*humilius et depressius iter*). Numa palavra, é mais frequente cair *quem corre* [*currentibus*] do quem rasteja [*reptantibus*]; mas a quem cai por correr, algum mérito se lhe atribui, quem rasteja nenhum valor tem pelo facto de não cair. Transpondo estas noções para o plano do estilo, parece-nos que o que Camões pretende significar com as suas definições do estilo épico é exactamente o mesmo que Plínio com a sua metáfora do «homem que corre» (o que pratica um estilo elevado) por oposição ao «homem que rasteja» (o que pratica um estilo humilde, sem entusiasmo, sem impetuosidade).

Estas noções encontrámo-las utilizadas por um biógrafo seiscenista do poeta Gabriel Pereira de Castro <sup>7</sup>, do qual enaltece o poema *Ulisseia* entre outros motivos porque

*ninguém [= como Gabriel Pereira de Castro] fez os versos mais puros, nem se apartou com tanta felicidade da frase vulgar do povo, nem soube segundo o conselho de Petrónio precipitar com mais engenho o espírito livre: que a maior glória dos Poetas [...] é, fugindo o estilo comum, usar palavras selectas e despenhar-se por novas elocuições, que ainda que haja menores riscos no plano que nos precipícios, e vá mais seguro quem caminha que quem corre, aquele é indigno de louvor porque não venceu perigos, e este, ainda que caia, merece a honra da fama por desprezar todo o risco* <sup>8</sup>.

Com base nestes paralelos, sugerimos, em conclusão, que quando Camões pede às suas Tágides

*um estilo grandiloco e corrente*

está pensando em tudo menos na «fluência». Pelo contrário, ele está usando *corrente* com o valor etimológico do particípio latino: *currens* -- = «aquele que corre», tal como o emprega Plínio, ou como Petrónio ao usar o verbo *praecipitari*. Deste modo *corrente* integra-se de pleno

<sup>7</sup> Trata-se de um texto inédito, que precede o manuscrito da *Ulisseia* existente na Biblioteca Nacional de Lisboa (Cod. 3088) e que Barbosa Machado ora atribui a Tomé Pinheiro da Veiga ora a Simão Torresão Coelho. Para o nosso propósito de momento não interessa dilucidar esta problemática atribuição de autoria.

<sup>8</sup> Como se vê, o biógrafo combina num mesmo parágrafo a referência expressa ao passo de Petrónio, que citámos, com a paráfrase do texto de Plínio, que também citámos, mas sem desta vez indicar a «fonte» em que se baseou.

direito no texto, contribui para esclarecer em todos os aspectos o estilo que o Poeta pretende atingir: estilo *corrente*, que corre, que se precipita, que é impetuoso, imparável qual uma torrente (como Píndaro), e que, por isso mesmo, implica largos riscos que o Poeta se dispõe a enfrentar, porque não os pode evitar sem correr outro risco ainda maior: o de que a sua epopeia se não aparte do *verso humilde* dos géneros líricos. Assim se justifica dentro da mais estrita lógica que entre *grandiloco* e *corrente* não esteja a adversativa que os comentadores lá desejariam ver, mas sim a copulativa que o sentido que propomos para *corrente* de facto exige e o Poeta efectivamente escreveu.